

# NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

213

Marcos Savini

Da equipe do **Correio**

O Plano Real não é apenas o maior trunfo do presidente Fernando Henrique Cardoso em busca da sua reeleição. Ao lado de seu prestígio intelectual, do charme de estadista e da consolidação da democracia no Brasil, a estabilidade econômica é também fonte de admiração por grandes investidores e líderes mundiais — como o presidente norte-americano Bill Clinton ou o primeiro-ministro britânico Tony Blair.

Até por ter sido ministro das Relações Exteriores no governo de Itamar Franco, e ter um apreço especial pelo Itamaraty, o governo de Fernando Henrique Cardoso é considerado “sopa no mel” por muitos diplomatas importantes. “Ninguém imaginava que um dia o Brasil seria chamado para discutir os testes nucleares de Índia e Paquistão com o Grupo dos 8 (Grupo dos Sete, mais Rússia)”, resume um deles.

Apesar da importância da política externa para o governo de Fernando Henrique, ela é o tema menos discutido ou polemizado nos programas dos principais partidos e candidatos. Enéas, do Prona, só fala da bomba atômica brasileira, algo que ninguém mais, nem os militares, leva a sério.

O Partido Popular Socialista (PPS), de Ciro Gomes, nem ao menos tem propostas específicas para a área. Roberto Mangabeira Unger, coordenador do programa do partido, diz, com seu carregado sotaque americanizado, que “brasileiro tem de perder a mania de dividir a política em *issues* (temas) e acha que não dá para separar o cenário internacional do interno”.

## DIVERGÊNCIAS

Mas nas coligações que apóiam Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio da Silva, as divergências não

ED. Ferreira/AE 8.11.97



*FHC com Menem e Fidel: num eventual segundo mandato, prioridade para expansão do Mercosul, como passo para a integração do hemisfério na Alca*

são poucas ou desimportantes, embora no mundo atual, em que as regras multilaterais multiplicam-se e o poder da economia e das ONGs aumenta, “a possibilidade de ser diferente é cada vez menor”, explica um diplomata.

Caso a política externa mantenha

o rumo atual num possível segundo mandato de Fernando Henrique, uma das principais consequências será a expansão do Mercosul para toda a América do Sul, representando um passo para a integração do hemisfério numa Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

Já em um eventual governo de Lula, a Alca seria trocada por uma expansão do Mercosul limitada à América do Sul e ampliada em direção ao sul da África. Ao lado de priorizar as relações com grandes potências, o que vem sendo feito pelo atual governo, o Brasil procuraria

compor um bloco político com outros países emergentes de grandes dimensões (Índia, China e Rússia).

Além disso, apoiaria o reingresso imediato de Cuba na Organização dos Estados Americanos (OEA), a despeito de qualquer desagrado que viesse a causar aos Estados Unidos.